The background of the entire image is a close-up of a weathered wooden door. The door is painted a faded teal or turquoise color, with significant peeling and cracking of the paint, revealing the underlying wood. In the upper center of the door is a small, rectangular window. The window is made of several vertical wooden slats, which are also weathered and discolored. The window is secured with four small, square metal latches, one in each corner. The overall texture is rough and aged.

Marcos Assis Piffer

[Ilha Diana] paisagens interiores

Universidade de São Paulo | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
São Paulo | 2019

Marcos Assis Piffer

[Ilha Diana] paisagens interiores

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências,
Programa de Arquitetura e Urbanismo – Design e Arquitetura.

Área de concentração | **Design e Arquitetura**
Linha de pesquisa | **Design e Arquitetura** | **Interrelações**

Orientador | **Prof. Dr. Feres Lourenço Khoury**

São Paulo | 2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

pro@marcospiffer.com.br

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Piffer, Marcos Assis
[Ilha Diana] Paisagens interiores / Marcos Assis Piffer;
orientador Feres Lourenço Khoury – São Paulo, 2019.
252 p.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Design e Arquitetura, 2019.

Bibliografia.
1. Paisagem. 2. Ensaio Fotográfico. 3. Ilha Diana, Santos, SP. 4. Design e Arquitetura
I. Khoury, Feres Lourenço. II. Título.

PIFFER, Marcos Assis
[Ilha Diana] paisagens interiores

Aprovado em

Banca Examinadora

Prof. Dr.
Instituição
Julgamento
Assinatura

Prof. Dr.
Instituição
Julgamento
Assinatura

Prof. Dr.
Instituição
Julgamento
Assinatura

[resumo]

A dissertação que apresento investiga através da linguagem fotográfica possibilidades e recursos de expressão e de construção de um imaginário paisagístico, constituído por olhares que abrangem diversas dimensões de registros. Tem como pano de fundo a comunidade da Ilha Diana, uma pequena vila de pescadores, bairro da cidade de Santos/SP, localizada na sua área continental à beira do Rio Diana.

Deslocada da cidade à qual pertence administrativamente e da área portuária contígua, esta paisagem é formada, além dos aspectos naturais, por uma produção cultural fruto da união de uma tradição caiçara própria local e pela experiência vivida por mim em torno dela.

Esta paisagem é percorrida, conduzida e construída pela fotografia. Produto de um olhar viajante que ao mesmo tempo em que a registra, a vivencia, sofre sua influência e se transforma durante o processo fotográfico. Explora para isso o conceito de deriva – enquanto um caminhar não racional – como forma de pesquisa do espaço e cujos registros germinativos constituíram a fatura deste projeto.

O ensaio fotográfico resultante tem como foco na sua construção as marcas da passagem do tempo e as consequentes transformações que ela produz, sendo a fotografia o suporte que exhibe e testemunha estes indicadores.

Também apresenta a contraposição do relacionamento de uma sintaxe ordenada pelas relações da cor local, das peculiaridades do espaço construído e das atividades humanas postas na paisagem natural e outras tantas presenças na fisicalidade local, as quais perambulam nas diferentes captações do olho/câmera, observando deste modo um universo carregado de sutilezas, e que se metamorfoseia constantemente.

Palavras chave: fotografia, cidades, paisagem, ensaio fotográfico, Ilha Diana.

[abstract]

The dissertation I present investigates the possibilities of expression, its resources and the construction of an imaginary landscape conjured up by a myriad of views covering many recorded dimensions through the use of photographic language. It is set on Ilha Diana, a small fishing village community located on the Diana River on Santos/SP's mainland area.

Geographically removed from the city to which it administratively belongs and its adjoining harbor complex, the essay's setting is a product of the place's natural charms, its local traditional culture and my experiences within it.

This landscape is travelled, guided and built by photography. It is a result of the traveler's eye that while recording the experience, is influenced by it and is thus transformed during the process. It explores the concept of drift – an unguided walk – exploring spaces and making its seminal records this project's foundation.

The final essay focusses on time's passage, its impressions and the subsequent transformations that it produces, leaving only the photograph as evidence and witness to this process.

The work also presents juxtaposition between the syntax created by local color relationships, the man-made environment's peculiarities and the impact human activities have left on the natural landscape which combined with many other mysteries of the physical realm roam and are captured by the eye/camera thus recording a universe loaded with detail and in constant metamorphoses.

Key words: photography, cities, landscapes, photographic essay, Ilha Diana.

[sumário]

resumo | 5

abstract | 6

travessia | 13

deriva | 59

adentro | 123

devir | 183

paisagem líquida | 219

geografia afetiva | 244

referências bibliográficas | 246

Cada olhar envolve uma observação,
cada observação uma reflexão, cada reflexão uma síntese:
ao olharmos atentamente para o mundo já estamos teorizando.

Johan Wolfgang von Goethe. *A doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013, p.63.

O rigor da ciência não perde nada em confiar sua mensagem a um observador
que sabe admirar, escolher a imagem justa, luminosa, cintilante.
Ela dá somente ao termo concreto seu peso e sua medida.

Eric Dardel. *O homem e a terra*. In: *Paisagem Textos 1*. Org. Vladimir Bartolini. São Paulo: FAU USP, 2013, p.84.

[Ilha Diana] paisagens interiores

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber [...]
Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

Konstantínos Kaváfis. *Ítaca*. In: *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.118.

[as esperas + barcas + a ilha] **travessia**

Ali vimos a veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar
Era o verdadeiro.¹

Como em todas as jornadas, esta também exige uma preparação. Nada que envolva grandes recursos, ou arrumar de malas: é preciso, essencialmente, o deslocamento do olhar de um universo para a possibilidade da percepção de outro. Para isso, tenho que me despedir de uma ilha a fim de alcançar outra ilha. Sair de uma cidade cercada por águas, para presenciar uma vila em outra insula.

Logo de início é preciso cruzar, na transversal, esta cidade que tem um mar à sua frente e um grande estuário às suas costas. Partir de onde existo, seu extremo à beira mar, para, ao fim deste primeiro percurso, atingir a sua outra borda, na beira de um velho cais. Neste cortar a cidade ao meio, vou deixando seus prédios altos e tortos, o mar e suas ondas, para trás. Alcanço seu centro histórico, o princípio da cidade enquanto vila, e reencontro suas águas, agora estuarinas, numa mistura de antigos e doces rios, salgado oceano e óleos duvidosos. Dali, me despeço de uma urbe – mesmo que praiana – para poder viver o que resta das suas origens de paisagem líquida, natural.

De cima da ‘ponte das barcas’, por trás do prédio da Alfândega, avisto parte de um grande lagamar por onde se esparrama o ‘lado de lá’, a margem esquerda do

estuário. A extensão da cidade no continente, meu destino. Meu rumo é um mundo em transformação, em vias de se acabar. Tudo aquilo tão aparentemente pristino e sagrado, mas que, dia após dia, por razões cobiçosas, se aparta cada vez mais da sua natura, de suas origens orgânicas: o Largo do Caneu, a Ilha dos Bagres, o Largo de Santa Rita, o Sítio das Neves, o Canal de Bertioaga, o Rio Diana.

Há de ser uma viagem de registros, anotações, de gravar a pele e a alma. Ventos, cheiros, gentes, chuvas, mosquitos, muitos mosquitos. Uma jornada para assimilar o tempo, o demorar do tempo, os humores do tempo. E seja ele qual for: “Para o viajante não existe bom ou mau tempo, existe apenas o tempo presente [...] O viajante que não tem esta postura não está dentro da viagem, está fora dela, e a fotografia obedece à mesma lei”².

Só, na beira do cais, aguardo uma embarcação. E nesta espera, ouço o bater da água nos antigos granitos das docas e nos cascos de outros barcos. Vejo a catraia Paicará partir para Itapema, e os grandes navios passarem lentamente puxados pelos rebocadores. Percebo chegar outros passageiros que também seguirão para o “lado de lá”. Aguardo. Presencio a diversão dos meninos mergulhando na água, bem debaixo da placa ‘É proibido mergulhar’, e me pergunto: “quem pôde um dia proibir a alegria?”. Com minha mente navegando no seco, de repente vejo a barca, antes mesmo de ouvi-la, longe, passando debaixo da ponte dos trens em Conceiçãozinha: saindo do rio Diana, quase um ponto na paisagem.

Mesmo com a barca atracada a espera continua, existe um horário a cumprir. ‘Bom Jesus IV’, nome de barco que remete a uma origem e um

¹ ANDRESEN, Sophya de Mello Breyner. *Navegações*. Portugal, Lisboa: Caminho, 2004, s/p.

² MUSA, João Luiz. *Viagem a uma terra desconhecida*. Dissertação de Mestrado em Artes. São Paulo: ECA USP, 1990, p.112.

passado religioso, e pelo número concluo que já existiram outros ‘Bons Jesus’... Alguém me retira do torpor: “Se liga! Vai sair!”. O embarque é rápido e o marinheiro ajuda: tudo balança e escorrega. Ele dá uma última olhada, recolhe a corda, e partimos sem nenhum alarde. Uma passageira aflita com o atraso do marido ironiza: “Pontualidade Britânica, no cais do Valongo!”. O barulho do motor, aquele *tu-tu-tu* contínuo, o cheiro do diesel e o balançar da barca vão anestesiando novamente a todos. Celulares em quase todas as mãos, apenas eu e uma moça olhamos para fora.

O oceano, a praia, a cidade, o porto, guindastes e navios vão ficando para trás. O barquinho avança meio adernado em sua marcha lenta mirando a boca de um pequeno rio. Ninguém conversa, e o ruído do motor também não colabora. Mesmo ainda tão próximo da cidade, logo após a primeira curva do rio os vestígios dela desaparecem de vez e outros, novos, começam a surgir.

Subir aquele rio era como viajar no tempo de volta aos primórdios do mundo, quando a vegetação, desordenadamente profusa, tomava conta da Terra, e as grandes árvores reinavam sobre tudo. Um rio vazio, um grande silêncio, uma selva impenetrável. O ar era quente, denso, pesado, indolente.³

Piloto e marinheiro seguem mecanicamente quase sem olhar pelas janelas. Parece que se atentam somente para esquivar dos bancos de areia, indiferentes à tudo.

3 CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: LP&M, 1998, p.63.

“Quando é que se perde o ‘pasma essencial [...] para a eterna novidade do Mundo’⁴”? Manguezal, lama, água turva. Um parati que pula, uma biguatinga que mergulha. Outros cheiros além do diesel, e a boca do rio escancara um novo mundo. Inquieto, subo a escadinha do barco e de pé no costado me penduro para fora. O vento de travessia nos empurra adiante, e respingos de água me atingem em cheio no rosto. Anseio pelo o que está por vir.

Observar a costa à medida que o navio por ela passa é como tentar resolver um enigma. Lá está ela diante de você – sorridente, franzindo o cenho, convidativa, má, insípida ou selvagem, e sempre muda com o ar de quem murmura: ‘Venha cá e descubra.’⁵

Mais uma curva, o rio se alarga, a Serra se apresenta ao fundo. Canoas apoiadas. Pescador puxando rede, outros catando marisco. Beira de rio. Manguezal. A ilha.

4 PESSOA, Fernando. *Guardador de rebanhos II*. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1965, p.204.

5 CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: LP&M, 1998, p.55.

CASTELO TOUR						
SÁBADOS						
VGM	MCABRÃO	DIANA	BAÉREA	SANTOS	BAÉREA	DIANA
1	05:50	06:20	06:30	06:50	07:10	07:30
2	X	07:30	07:40	08:00	08:20	08:30
3	X	09:00	09:10	09:30	09:50	10:30
4	X	11:30	11:40	12:00	12:20	12:30
5	X	12:30	12:40	13:00	13:20	13:40
6	X	15:30	15:40	16:00	16:20	16:30
7	X	17:05	17:15	17:35	17:55	18:30
8	X	18:30	18:40	19:00	19:20	19:30
9	20:00	21:30	21:40	22:00	22:20	22:30
10	X	23:30	23:40	00:00	00:20	00:30
DOMINGOS E FERIADOS

As coisas que não levam a nada
têm grande importância [...]
Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral [...]
Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia [...]

Manoel de Barros. *Matéria de poesia*. In: *Gramática expositiva do chão*. São Paulo: Record, 1999, p.178-179.

[cascas + corpos + texturas] **deriva**

[...] o espaço do sentir está para o espaço da percepção como a paisagem está para a geografia. O espaço da percepção é um espaço geográfico[...] Mas o espaço geográfico tem, não obstante, afinidades com o espaço físico, que indica precisamente que o espaço geográfico é o espaço do mundo humano da percepção, pois na nossa vida cotidiana vivemos entre a pura física e a pura paisagem. ⁶

Dona Maria⁷ é a única na ilha que ainda sabe fazer o “peixe azul marinho”. A receita – da sua mãe, caiçara de Iguape – leva banana verde para ser cozida junto com o peixe numa panela de ferro. “Quase ninguém mais sabe preparar este prato. Por aqui, só eu”. Ela mesma não sabe explicar o porquê, mas o caldo fica azulado e com ele, tudo muito bom. Na mesma cozinha prepara a comida da casa e também para o restaurante que toca junto com o marido. No jirau em frente à casa, assistimos ao tempo passar. Café tomado, ela sugere que precisa descansar, sinal que eu aguardava para voltar a caminhar.

[...] caminhar não é somente estar-aí no mundo, é estar no mundo de maneira inquisitiva: caminhar é questionar o estado do mundo, é avaliá-lo no que ele pode oferecer aos homens que nele se encontram; caminhar é uma experimentação do mundo e seus valores. A caminhada, de fato, requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: ela lhe dá novas qualidades, novas intensidades. ⁸

⁶ STRAUSS, Erwin. *A diferença entre o sentir e o perceber*. In: *Paisagem Textos* 3. Org. e Trad. Vladimir Bartolini. São Paulo: FAU USP, 2013, p. 53.

⁷ Os nomes dos personagens são fictícios.

⁸ BESSE, Jean-Marc. *As cinco portas da paisagem*. In: *Paisagem Textos* 3. Org. Vladimir Bartolini. São Paulo: FAU USP, 2013, p. 40-41.

Sigo para dentro da ilha, não mais em direção à água, por ruas que de tão estreitas são quase passagens. Automóvel ali não chega, só pela água mesmo. As casas fazem fila umas com as outras. Avós, pais, filhos e agora netos seguiram construindo na sequência do terreno e do tempo em direção ao mangue. Num ziguezague sem pressa, por entre as casas, avanço cada vez mais para o interior. Nesta deambulação que segue se bifurcando tal qual uma raiz, sigo de uma viela à outra, da próxima à seguinte. Paro em varais, vejo árvores e orquídeas em árvores. Passam pássaros e galinhas. Cachorros, poucos. Gatos, alguns. Lama nos pés. Choveu ontem, a maré foi alta e está tudo encharcado. Aí entendo a razão dos sapatos nas entradas das casas. Escuto uma panela de pressão e sinto o aroma do feijão cozinhando. O peixe sendo frito. Alcanço o mangue e antes dele um campo de futebol vazio. Como não é dia de jogo os caranguejos estão por todo o lado ocupando a área...

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retomar segundo uma ou outra de suas linhas[...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. ⁹

Pratos sendo lavados, um café sendo passado. Crianças correm chutando uma bola. Silêncio. Ouço o silêncio. Posso tocar o silêncio. Fotografo quando dá, voltou a

⁹ DELEUZE, Gilles, GUATARI, Félix. *Introdução: Rizoma*. In: *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – vol 1*. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 6.

chover e atrapalha um pouco. Mesmo assim, tudo é relevante. Alguém oferece um café e o abrigo de uma varanda até a chuva estiar. Aproveito e sento para descansar, escuto mais algum caso e revejo o conjunto de imagens.

O caminhar pode constituir um exemplo fundamental desta experiência da paisagem; mais precisamente, o momento particular que é o cansaço que não é nem exaustão, nem fadiga, mas que restitui ao corpo sua disponibilidade e, como diz Nicolas Bouvier, sua porosidade diante do mundo, que lhe restitui sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo[...] Na caminhada, no âmago do meu cansaço, eu faço o mundo aparecer ao mesmo tempo em que eu mesmo me faço aparecer, num espaço poroso e comum, que é o espaço da paisagem.¹⁰

Recomeço. Na frente da escola uma garota me conta que ali só até o ensino fundamental. Para continuar estudando vai ter que ir para a cidade todos os dias e de barco. Um convite para o churrasco que vai acontecer logo mais em frente à igreja. “Que igreja? Derrubaram a antiga e ainda não construíram uma nova!”. “Senta! Toma uma cerveja!”. Tem gente que quer ir embora dali, pois a pesca quase acabou e não há futuro. “Construíram um ‘terminal’ bem ali em frente...”. Tem gente que quer ir morar na ilha, pois sossego é vida.

10 BESSE, Jean-Marc. *As cinco portas da paisagem*. In: *Paisagem Textos* 3. Org. e Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: FAU USP, 2016, p. 35-36.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo o seu simbolismo à liberdade do espírito, encontramos aqui uma geografia interior, primitiva, onde a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem desenham direções, traçam caminhos rumo a um mundo diverso; a leveza se libera da gravidade para se elevar às alturas. A geografia não implica somente um reconhecimento da realidade terrestre em sua materialidade, ela se impõe também como técnica de irrealização, sobre a própria realidade.¹¹

Pouco a pouco, histórias e fotografias vão se somando. Tudo ao mesmo tempo tão simples e extraordinário. Uma paisagem começa a se formar. A Natureza, o homem e suas ações sobre ela se amalgamam, além das experiências por ali vividas, imaginadas, ou simplesmente desejadas. As minhas, inclusive.

A paisagem é o nome dado a esta presença do corpo e ao fato dele ser afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, suas estruturas e suas espacialidades: há algo aí como um evento [...] ¹²

11 DARDEL, Eric. *O homem e a terra. Natureza da realidade geográfica*. In: *Paisagem Textos* 1. Org. e Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: FAU USP, 2013, p.85.

12 BESSE, Jean-Marc. *As cinco portas da paisagem*. In: *Paisagem Textos* 3. Org. e Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: FAU USP, 2016, p.35.

É pelo lugar que revemos o Mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele, o recôndito,
o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora.
O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças,
guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste,
força tranquila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar.
Os velhos cimentos tornam-se novos cimentos: línguas, religiões, culturas, modos de
contemplar a Natureza, o Universo, modos de se ver e de ver os outros.

Milton Santos. *A aceleração contemporânea: Tempo-mundo e Espaço-Mundo*.
In: *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.36.

[luz + cores + casas + a casa] **adentro**

Chegava a casa, abria a cancela,
chegava à casa, desapareava do cavalo,
chegava em casa.¹³

Existe uma vila na ilha e existe uma ilha na vila. Ali, quase tudo parece uma antítese da cidade. Cinquenta e cinco chefes de famílias, um pouco menos que isso de casas. Cento e oitenta e um habitantes.¹⁴ As moradias, simples. No início, todas de madeira; agora reina o ‘bloco’. Ruas de terra batida. Um ancoradouro público, uns poucos particulares, trapiches. Pequenos barcos, voadeiras de alumínio, onde antes canoas-de-um-pau-só. Muitas redes, puças, varas de pesca. O rio em frente, o mangue ao fundo. A vida próxima à Natureza. Estranho mundo.

Estranhamento maior a ilha causou através das suas cores. Logo ao desembarcar, elas se mostraram no ancoradouro e no reflexo da luz que inundava tudo ao redor. As casas coloridas escancaravam uma dessemelhança com a cidade padronizada e de cores diluídas que eu acabara de deixar, seus edifícios cinzas, seu porto sujo de óleo e farelo de soja. O contraste das cores se fazia ver até contra o verde monótono das margens do rio e suas águas pardacentas de beira de manguezal. As cores locais se apresentaram como um contraponto inesperado à mesmice da visualidade da vida cotidiana. Esta onipresente explosão de luz e cor local provocou a urgência da fotografia. A premência do registro de uma nova descoberta, do encontro com uma paleta inesperada e até então desconhecida.

13 ROSA, João Guimarães. *Dão-Lalaão (O devente)*. In: *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.25.

14 UNIFESP e UNISANTOS. *Caracterização da Comunidade da Ilha Diana: Comunidade Tradicional*. Santos: Universidade Federal de São Paulo e Universidade Católica de Santos, 2016, p.8.

As casas não queriam se esconder, ser mais uma entre tantas. Pelo contrário, desejavam se mostrar, se diferenciar uma das outras. “[...] aquelas casas, em sua maioria feitas de taipa rebocada e pintada, eram também joias em ponto grande como as que eu sonhava, joias que, em dados momentos, também rebrilhavam ao Sol [...].”¹⁵ Havia uma visualidade particular e peculiar – sem preocupações com convenções ou com a estética predominante da cidade – de grande plasticidade. As casas e suas cores caminhavam justamente no sentido contrário da pretenciosa harmonia da cidade que eu acabara de deixar.

Essa visualidade contraria as normas estéticas aceitas e promovidas pela ideologia dominante quanto às relações cromáticas, ao equilíbrio das cores, às projeções idiossincráticas de grupos sociais ou de pessoas. Questiona o efeito da pintura “erudita”. A contravenção está no fato de que torna expressiva uma visualidade que não se integra às normas do “bom gosto” estabelecido pela classe dominante. Uma visualidade produzida espontaneamente, como um gesto de incluir a emoção humana profunda e visível, na superfície das coisas. O mundo como um teatro de cores. Com forte nota de primitivismo, como nas fachadas das casas, por onde berram os mais surpreendentes arranjos cromáticos [...] ¹⁶

Percorro, conduzido pelas cores, os caminhos da vila, e se torna inevitável o desejo de acrescentar mais uma camada na construção da paisagem. Entrar nas casas, senti-las por dentro. Viver, desta vez, suas cores internas. Meu olhar se embrenha, primeiro

15 SUASSUNA, Ariano. In: *Pinturas e platibandas*. MARIANI, Anna Mariani. São Paulo: IMS, 2010, p. 7.

16 LOUREIRO, João de Jesus Paes. *As fontes do olhar*. Site Jornal de Poesia. Disponível em <http://www.jornal-de-poesia.jor.br/ag8loureiro.html> Acessado em 27/07/2018.

por sobre os muros e pelas janelas, sem ser convidado. Busco ampliar o espectro do mistério dessa diferença, dos códigos desta poética cromática local.

Caminho silenciosamente. Me aproximo cuidadosamente. Um aceno de cabeça aqui. Um “boa tarde” ali. Alguns moradores já me reconhecem. “Venha no Sábado que farei marisco lambe-lambe!”. Um outro convite, desta vez para uma cachaça. Num instante, acontece a transição do espaço comum, da rua, para o universo intramuros, próprio da individualidade familiar. Do público para o particular. Com muito cuidado, me movimento da rua para os quintais, dos quintais para as varandas, e das varandas, finalmente, para os interiores. Para os lugares das experiências íntimas, cercado pelos objetos testemunhas das afetividades. Sem grandes alardes o terreno da percepção, das possibilidades, alcança outro nível. Tento não atrapalhar a lida do dia. Procuro interferir o mínimo. De olhos bem abertos, adentro.

Quando olhamos para certas fotografias nós muitas vezes nos perguntamos: “Como o fotógrafo conseguiu chegar tão perto sem ser notado? Com que passos tão silenciosos ele perseguiu o fabuloso pássaro que pousou por apenas um instante?” [...] O fato é que esses passos silenciosos primeiro devem ser feitos dentro de si mesmo, pois é lá, naquele espaço interno, que acontecem esses eventos intuitivos, essas percepções extra-sensoriais que são *summum* da arte que é *prima facie* dedicada para a externalidade das coisas [...] ¹⁷

17 BONNEFOY, Yves. *Martine Franck: The compassionate eye*. Revista *The Courier UNESCO*, No 4, Abril 1988, p. 9. França, Paris: UNESCO, p. 90 (Tradução nossa).

O cotidiano se apresenta e reverbera. Ações antes pressentidas ao caminhar entre as casas, agora se exibem. Recortes expostos da realidade. A panela aberta com o feijão fumegando. Xícaras de um café tomado, louças no corredor. Crianças fazendo lição na mesa de uma cozinha. Uma cama desarrumada, alguém recém-acordado. A casa.

Pois a casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. ¹⁸

Um novo universo se descortina: o recôndito da vida particular. É preciso incorporá-lo ao desenho da paisagem, e a materialidade acontece através da possibilidade da fotografia, do registro da existência. Confiança. Caminho para dentro dos espaços do pertencimento. Rodeado pelos objetos simples do dia-a-dia, agradeço, aceito a cachaça e fotografo.

18 BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.77.

A fronteira que ainda divide a humanidade, que separa aqueles que sempre têm fome
daqueles que raramente a tem, os povos abastados dos povos nus,
quase chega a se confundir com a divisão dos seres entre aqueles que possuem
sua fotografia e aqueles que não a possuem.
[...] a possibilidade de ainda sermos olhados por aqueles que nos amavam quando
desaparecermos permanece um privilégio. Todos os seres interrogam-se como Jó:
‘Quando eu não existir mais, quem me olhará?’ Sabemos muito bem que estamos longe de
obter uma resposta. No Egito antigo, a posse de um duplo era apanágio dos faraós
e dos grandes e a imortalidade, o bem exclusivo de uma aristocracia.
No mundo de hoje acontece o mesmo com a posse de um retrato.
Os povos privados de sua imagem estão condenados a morrer duas vezes.

Claude Roy. *Le Seconde Empire vous regarde*. In: *Retratos quase inocentes*. Org. Carlos Eugênio Marcondes de Moura.
São Paulo: Nobel, 1983, p.31.

[o tempo + fotografia] **devir**

[...] Névoa de nadas / Disse O-que-Sabe
névoa de nadas / tudo névoa nada
Que proveito / para o homem
De todo o seu afã //
fadiga de afazeres / sob o sol
Geração-que-vai / e geração-que-vem
e a terra / durando para sempre
E o sol desponta / e o sol se põe
E ao mesmo ponto //
aspira / de onde ele reponta [...] ¹⁹

Ninguém se lembrava mais de quem havia sido o primeiro a amarrar a corda naquela árvore para fazer o balanço. Mas, todos tinham certeza que a grande árvore estava ali desde que haviam chegado. Talvez o balanço também. Desde sempre. “Desde o começo dos tempos!” dizia *seo* Pedro. A árvore se impunha pelo tamanho e tornava cada vez mais difícil trocar a corda do balanço quando arrebentava. Ficava numa ponta de terra firme que só inundava, eventualmente, nas marés muito altas. Ao seu redor tudo era mangue. Mas, isso foi noutro tempo. Agora ela estava ali, na pracinha, na beira do rio. *Seo* Pedro conta que para fazer essa praça, a única da ilha na verdade, foi aterro em cima de aterro. Quem trouxe foi a Prefeitura, depois de muito apelo. “Isso é recente, vinte anos para cá. No início era barranco, lama e mangue mesmo!”. “Parece firme, mas quando a maré sobe muito e junta com as ressacas de inverno, lá se vai embora algum pedaço. O rio retoma o que era dele”.

¹⁹ QOHÉLET = O-que-sabe. *Eclesiastes: poema sapiencial*. Trad. Haroldo de Campos. Col. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1990, s/p.

Muitos dos antigos dizem que o rio já não é mais o mesmo, e que hoje em dia para pegar um peixe precisa muita sorte. “Antes era bater uma tarrafa e vinha de tudo! Agora, um ou dois bagres. Tainha, nem pensar...” Existe uma reclamação geral que o peixe está acabando, não só por ali, mas em toda a costeira. “A fartura do passado não se vê mais com tanta frequência”. ²⁰ Na ilha, a queixa é que a situação piorou depois da construção do ‘terminal’ na margem oposta do rio. “Isso aqui nunca mais vai voltar a ser o que era... Tudo mudou muito. Quanta água já passou por aqui...” lamenta *seo* Pedro atirando uma pedra ao rio e lastimando ser impossível voltar à trás. Difícil falar do tempo e das transformações que ele provoca, ainda mais na frente de um rio.

Desde Newton e desde muito antes, talvez desde sempre, a metáfora fluvial é figura obrigatória. Heráclito, crente na mudança perpétua de todas as coisas, é quem diz: ‘Não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio’. O rio está lá o tempo todo (feito o mundo que nos cerca), mas as suas águas mudam a todo instante (como os tempos, que também mudariam). Prefiro levar ao pé da letra essa metáfora e imaginar que o tempo é que é a alegoria da mutabilidade incessante da natureza. Numa beira de rio você entende: não é o tempo que passa, mas as águas. ²¹

Dona Rosa limpa os peixes recém-pescados e devolve a barrigada ao rio. Diz que ajuda a atrair peixes e siris para perto. Por todo lado, na lama, cascas de mariscos, ostras e escamas de peixes.

²⁰ LINSKER, Roberto, TASSARA, Helena. *O mar é outra terra*. São Paulo: Terra Virgem, 2005, p. 58.

²¹ BUCCI, Eugênio. *Meu pai, meus irmãos e o tempo*. In: *8x Fotografia*. Org. Lorenzo Mammi e Lia Moritz Schwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.73

As conchas no chão remetem aos tantos sambaquis que existiam na região. Registros de outras épocas. Doze mil anos atrás, ali ao lado, nos rios Casqueiro e Casqueirinho tinha gente vivendo, bem antes dos Tupiniquins. Muitos sambaquis se transformaram em cal, e a cal nas fortalezas da região. As fortalezas que lutaram contra os Tupiniquins, hoje lutam para não se transformar em ruínas. “Há algo dos Tupiniquins nos caiçaras...”²²

Peixes, ostras e mariscos, do rio à panela. Barrigadas, cascas e conchas de volta ao mangue. Casas vão mudando de cor. As de madeira vão sumindo, se desfazendo. Alvenaria agora prevalece. Para a ilha ninguém mais pode se mudar. Só casando com alguém de lá. *Seo* José faleceu. Dona Maria está doente. Um colhereiro rosa passa voando baixo. Uma bola esquecida ali no mato. Matéria em transformação.

O tempo passado, o tempo presente. O tempo do olhar. Díficeis registros. Fotografia: recortes de frações do tempo, testemunha do fim, e também instrumento contra a perda da memória, da dissolução de tudo. Segundo Barthes, o tempo assume nas fotografias uma “distinção inesperada”, pois “demonstra, que aquilo ali presente na imagem se foi. É passado, morreu ou vai morrer”.²³ Marcas, anotações, decalques. Imagens. Registros contra um sentimento generalizado de perda.

Chamamos tempo a esse deslocamento ininterrupto da matéria sobre a matéria. Nossa fotografia naquele barco não congelou o instante, nem recortou um fragmento de tempo; ela simplesmente guarda um pedaço da matéria que iria

escorrer na curva das águas e, por ter ficado armazenada, não escorreu. Quer dizer, ela escorreu, mas na forma de luz... e, daí, feriu a película do filme, moldou-lhe a superfície de um tal modo que até hoje, olhando através dele, vemos a mesma cena. O slide mantém esta matéria, ou seus sinais, como quem conserva uma escama de peixe entre as páginas de um livro. Ou, melhor ainda, como quem guarda o relevo da escama na deformação que ela causou numa folha de livro, mesmo depois de a escama ter se perdido. Como quem guarda uma cicatriz.²⁴

22 SILVA, Luiz Geraldo Santos da. *Caiçaras e jangadeiros: Cultura marítima e modernização do Brasil*. Coord. Antônio Carlos S. Diegues. CEMAR USP, 1993, p.22.
23 BARTHES, Roland. *A câmera clara*. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1980, p.135.

24 BUCCI, Eugênio. *Meu pai, meus irmãos e o tempo*. In: *8x Fotografia*. Org. Lorenzo Mammi e Lia Moritz Schwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.73

Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito,
e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens.
Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma,
seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo [...]
De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma
representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior.
Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens.
Tem de ser duas paisagens, mas pode ser – não se querendo admitir que um estado de alma é
uma paisagem – que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma
(puro e simples sentimento) com a paisagem exterior [...]

Fernando Pessoa. *Cancioneiro. Nota preliminar*. In: *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1965, p.101.

[água] paisagem líquida

A Morte é uma viagem e a viagem é uma morte. ‘Partir é morrer um pouco’.²⁵ Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos Mortos. Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma aventura. Se de fato um morto, para o inconsciente, é um ausente, só o navegador da morte é um morto com o qual se pode sonhar indefinidamente. Parece que sua lembrança tem sempre um porvir [...] ²⁶

Na ponta do ancoradouro, novamente aguardo uma embarcação: a última do turno. A que navega no escuro, e vai me levar de volta através da noite. O ancoradouro, um mirante. Rosa dos Ventos. À Oeste, o estuário, o porto e a cidade. Tudo aquilo que deixamos, parece que há tanto tempo, para trás. À Leste, a Serra, suas encostas e uma mata quase selvagem. Ainda o desconhecido, uma experiência a realizar. Para trás, a vila, casas, cores, gentes, manguezal. Paisagem desenhada. Em frente, o rio, estrada para meu retorno.

Assim como o rio, que do estuário escorre ao oceano, seguirei eu. O caminho de volta é conhecido. Retornarei para casa, preciso rever o mar. Além das imagens, não carrego bagagem extra, somente “a experiência capturada”.²⁷ Uma matula repleta de fotografias.

25 Fado português de autoria de Mascarenhas Barreto e música de Antônio dos Santos. <http://bocaslindas.blogspot.com/2008/05/partir-morrer-um-pouco.html>. Acessado em 30/07/2018.

26 BACHELARD, Gastón. *Complexo de Caronte*. In: *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.77.

27 SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p. 14.

[...] a paisagem pode então ser compreendida e definida como o evento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o envolve. A paisagem é antes de tudo, neste caso, uma experiência. Mas em sentido geral, esta experiência paisagística, ou, melhor dizendo, esta paisagem que se apresenta como experiência, não remeteria a outra coisa senão a uma certa maneira de ser no mundo e de ser atravessado por ele. ²⁸

Em esse retorno rio/oceano, percebo que de lá nunca havia saído. O infinito do mar é verdadeiramente meu lugar no mundo. “O espaço geográfico, por excelência, é o oceano [...] esta imensidão que desafia nossas medidas e nossas limitações [...]”.²⁹ Navegando de volta, velhos e conhecidos cheiros me cumprimentam. O barulho do casco de madeira cortando a água me tranquiliza. Desembarco e cruzo a cidade com pressa. Sem prestar atenção para os automóveis e para as luzes nas janelas dos prédios sem cor, sigo direto, quase correndo, até a beira da praia. Pés na areia. No escuro da noite, escuto as ondas, mais do que as vejo. Sinto o mar, presencio seu cheiro. Viração marinha. Maresia. Vento leste. Em casa.

[...] Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar,
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu. ³⁰

28 BESSE, Jean-Marc. *As cinco portas da paisagem*. In: *Paisagem Textos 3*. Org. e Trad. Vladimir Bartalini.

São Paulo: FAU USP, 2016, p. 35.

29 DARDEL, Eric. *O homem e a terra. Natureza da realidade geográfica*. In: *Paisagem Textos 1*. Org. e Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: FAU USP, 2013, p. 86.

30 PESSOA, Fernando. *Poemas*. São Paulo: Nova Fronteira, 1995, p. 27.

“Resta uma que você jamais menciona.”

Marco Polo abaixou a cabeça.

“Veneza” – disse o Khan.

Marco sorriu.

“E de que outra cidade imagina que eu estava falando?”

O imperador não se afetou.

“No entanto, você nunca citou o seu nome.”

E Polo:

“Todas as vezes que eu descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza” [...]

Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p.82.

[geografia afetiva]

- Ilha Diana [01]
- Rio Diana [02]
- Canal de Bertioga [03]
- Santos | Continental [04]
- Canal do Estuário de Santos [05]
- Santos | Insular | Ilha de São Vicente [06]
- Centro Histórico de Santos [07]
- Atracadouro das barcas | Ilha Diana e Vicente de Carvalho [08]
- Guarujá | Ilha de Santo Amaro [09]
- Cubatão [10]
- Serra do Mar [11]
- Porto de Santos | Margem direita [12]
- Porto de Santos | Margem esquerda [13]
- São Vicente | Insular | Ilha de São Vicente [14]
- São Vicente | Continental [15]
- Rio Casqueiro [16]
- Largo do Caneu [17]
- Rio Sandi [18]
- Rio Jurubatuba [19]
- Sítio das Neves [20]
- Largo de Santa Rita [21]
- Itapema | Vicente de Carvalho [22]
- Praia Grande [23]
- Baía de Santos [24]
- Oceano Atlântico [25]

Imagem base | recorte da Carta Náutica 1711 Geotiff | Proximidades do Porto de Santos
Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/chm/dados-do-segnav/cartas-raster>
Acessado em 27/09/2018

[referências bibliográficas]

ANDRESEN, Sophya de Mello Breyner. *Navegações*. Lisboa: Caminho, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBOSA, Gino Caldato. *Chalé de Madeira: A moradia popular de Santos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Últimos românticos*. Revista *Guaiaó*, número 06, novembro 2013, p. 35. Santos: MPFoto.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. São Paulo: Record, 1999.

BARTALINI, Vladimir (Org. e Trad.). *Paisagem Textos 1*. São Paulo: FAU USP, 2013.

_____. *Paisagem Textos 3*. São Paulo: FAU USP, 2013.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.

BONNEFOY, Yves. *The compassionate eye*. In: Revista *The Courier UNESCO*. França, Paris: UNESCO, abril 1988, p. 9.

BONSIEPE, Gui. *Design, cultura e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2011.

BUSELLE, Michael. *Tudo sobre a fotografia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: UBU, 2016.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: LP&M, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – vol 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 2012.

FIUZA, Beatriz Cunha, PARENTE, Cristiana. *O conceito de ensaio fotográfico*. In: *Discursos fotográficos*, v. 4, n. 4, p. 161-176. Londrina, 2008.

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social*. Espanha, Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

GARCEZ, Raul. *Foto Portátil – Raul Garcez*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

GRAZZIANO, Gustavo. *Códice: o tempo em suspensão*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU USP, 2016.

GHIRRI, Luigi. *Pensar paisagens. Ícones, paisagens, arquitetura*. São Paulo: IMS, 2013.

GOETHE, Johan Wolfgang von. *A doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

GUERRIN, Michel. *Cartier-Bresson exalta a ‘fruição do olhar’*. Entrevista concedida originalmente ao jornal Le Monde. Folha de São Paulo, caderno Multimídia, 8/12/1991, p.2 e 3.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio. O dicionário da língua portuguesa. Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Jornal O Estado de São Paulo. Estoques estão no limite. (São Paulo: O Estado de São Paulo, 2012). <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,estoques-estao-no-limite-imp-,840546>. Acessado em 20/08/2018.

KAVÁFIS, Konstantínos. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

KERTÉSZ, André. Entrevista a Stefania Brill. São Paulo: Jornal O Estado de São Paulo, 12/08/1984.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LINSKER, Roberto e TASSARA, Helena. *O mar é outra terra*. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *As fontes do olhar*. Site Jornal de Poesia. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag8loureiro.html> Acessado em 27/07/2018.

LUBBEN, Kristen. *Magnun: contatos*. São Paulo: IMS, 2012.

MAMMI, Lorenzo e SCHWARCZ, Lia Moritz (Org.). *8x Fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

MARIANI, Anna. *Pinturas e platibandas*. São Paulo: IMS, 2010.

MASCARO, Cristiano. *Luzes da cidade*. São Paulo: DBA, 1996.

_____. *O uso da imagem fotográfica na interpretação do espaço urbano e arquitetônico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU USP, 1985.

_____. *Tiradentes. Um olhar para dentro*. São Paulo: SENAC, 2010.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Retratos quase inocentes*. São Paulo: Nobel, 1983.

MUSA, João Luiz. *Viagem a uma terra desconhecida*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Artes, ECA USP, 1990.

_____. *Vila Prudente*. São Paulo: Narval, 2012.

NOVO MILÊNIO. Ailha dos pescadores no Rio Diana. <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0232.htm> Acessado em 20/08/2018.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1965.

_____. *Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. *Levantamento Socioeconômico e Habitacional da Ilha Diana*. Santos: PMS, 2010.

QOHÉLET = O-que-sabe. *Eclesiastes: poema sapiencial*. Haroldo de Campos. (Trad.), J. Guinsburg (Col.). São Paulo: Perspectiva, 1990.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RISÉRIO, Antônio. *Em casa*. Revista Zum, 6. 2 set. 2014. Disponível em: https://revistazum.com.br/revista-zum_6/em-casa/ Acesso em: 31/10/2017.

ROSA, João Guimarães. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009.

SANTOS, Milton. *A aceleração contemporânea: Tempo-mundo e Espaço-Mundo. In: Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, Luiz Geraldo Santos. *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*. São Paulo: CEMAR USP, 1993.

SONTAG, Susan. *Ensaaios sobre a fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

STAROBLINSKI, Jean. *É possível definir o ensaio?* In: Revista *Remate de Males*. Campinas: UNICAMP, 2011, p.13-24.

STORI, F. T. *Adaptabilidade e Resiliência no Sistema Sociológico da Comunidade Caiçara da Ilha Diana*. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2010.

STORI, F. T., NORDI, N., ABESSA, D. M. S. *Mecanismos sócio-ecológicos e práticas tradicionais de pesca na comunidade caiçara da Ilha Diana (Santos, Brasil) e suas transformações*. Revista da Gestão Costeira Integrada 12 (4): 2012.

UNIFESP e UNISANTOS. *Caracterização da Comunidade da Ilha Diana: Comunidade Tradicional*. Santos: Universidade Federal de São Paulo e Universidade Católica de Santos, 2016.

WENDERS, Win. *Written in the West*. EUA, New York: D.A.P., 2015.

[créditos]

Fotografias | Edição de imagens | Textos
Marcos Assis Piffer

Orientação Mestrado
Prof. Dr. **Feres Lourenço Khoury**

Assistente | Preparação imagens
Anita Denari Piffer

Impressão e acabamento | Livro
Ipsis Gráfica e Editora

Revisão
Paula Ferreira Vermeersch

Tradução | *Abstract*
Søren Knudsen

[agradecimentos]

Mônica Denari Piffer
Anita Denari Piffer
Maria Eunice Assis Piffer
Carlos Alberto Piffer

Apoena Amaral
Christiane Costa Macedo
José Maria de Macedo
Cristiano Mascaro
João Luiz Musa
Mônica Viana
Roberto de Sá
Søren Knudsen
Flávio Viegas Amoreira
Viviane Thomaz
Paula Ferreira Vermeersch
André Monteiro
Ana Elena Salvi
Caio Briquez
Gerson Galvão
Alexandre Lima e moradores da Ilha Diana

Feres Lourenço Khoury
Louise Weiss
Karina Leitão
Clice de Toledo Sanjar Mazzilli
Cibele Haddad Taralli
Júlio Katinski

Seis volumes desta
dissertação foram impressos
em Janeiro de 2019.